

Em um texto conciso e esclarecedor, Sérgio Paulo Rouanet precisa os três ciclos estéticos que a modernidade *stricto sensu* conheceu: o primeiro, por volta de 1800, quando Schlegel e Madame de Stael teorizaram sobre o romantismo, em oposição ao estilo clássico; o segundo, em torno de 1850, quando Baudelaire refletiu expressamente sobre o conceito de modernidade na arte, seguindo-se as estéticas pós-românticas, como o naturalismo; e um terceiro, a partir de 1900, com o surgimento das vanguardas contemporâneas. Hoje estaríamos entrando num quarto ciclo, chamado de pós-modernidade, mas que se nutre ainda das transformações subversivas desencadeadas pela revolução industrial e cultural do princípio do século XIX. O que caracteriza a modernidade é a fetichização do novo, do efêmero e do artificial, ao lado, paradoxalmente, da revisão marxista da sociedade, da filosofia e da arte, através da *praxis* revolucionária; é o questionamento da verdade científica desequilibrando o *eu* cartesiano; é a liberação do *princípio de prazer*, a descoberta e a apropriação do desejo, um novo estatuto de sujeito que os trabalhos de Freud vêm instaurar; e, sobretudo, uma natureza contraditória, uma postura profundamente crítica em relação à própria modernidade, marcando a crise das linguagens. A presente publicação se insere neste panorama.

A Comissão Editorial

*Letras - 4*

terá como tema geral o  
ENSINO DE LÍNGUAS